



Colégio de Aplicação

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Admissão ***2005***

1ª série

ensino **médio**

.....

Língua Portuguesa



ADMISSÃO 2005

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLÉGIO DE APLICAÇÃO**

CONCURSO DE ADMISSÃO À PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO – 2005

PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

INSTRUÇÕES:

1. Confira o número de textos (4), de questões (9) e de páginas (12) de sua prova.
2. Registre nas folhas de resposta seu número de inscrição no local solicitado, não escrevendo seu nome na prova, de modo algum.
3. Faça letra legível: o que não for entendido não será considerado.
4. Use caneta azul ou preta.
5. Não é permitido o uso de fita ou líquido corretivo.
6. Responda às questões sempre com suas próprias palavras, a menos que seja solicitada alguma transcrição do texto.
7. Não exceda o limite de linhas traçadas para cada questão.
8. Procure reler a prova antes de entregá-la.



Texto 1

Em 1808, com a invasão napoleônica de Portugal, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se sede da corte, que para aqui se mudou num dos maiores **êxodos**¹ da história. Dobrou de tamanho a população do Rio e, em meio à **caótica**² situação urbana, o príncipe regente dom João VI teve a habilidade de, além de abrir portos às nações amigas (leia-se, ingleses),
5 criar a Biblioteca Nacional, o Jardim Botânico, o Banco do Brasil. Menos de uma década depois, chegava a Missão Francesa, destinada a refinar os padrões de arte e a arquitetura de toda aquela gente da corte isolada nos trópicos.

O Brasil foi atravessado pelo império como se nós não fôssemos nós, mas os outros. Muito dessa tradição perdurou com a urbanização crescente que a república trouxe e com
10 a tão “bondosa” libertação dos escravos — que não se deu por nenhuma razão de ordem moral, mas apenas pelo desinteresse patronal em mantê-los a tão alto custo (já que se podia “comprar” mão-de-obra mais alfabetizada e barata, advinda das novas correntes de emigração).

No Rio do princípio do século passado, o “prefeito do bota-abaixo”, **Pereira Passos**³,
15 era saudado pelas demolições incessantes que fazia na ânsia de imitar **Hausmann**⁴, o “bota-abaixo” de Paris. Só que lá preservaram-se prédios, monumentos e referências históricas. Aqui, não. Na antiga capital federal, derrubamos sucessivamente o Morro do Castelo, na década de 20, e depois extraordinárias igrejas — como a de São Pedro —, no que viria a se constituir a Avenida Presidente Vargas, já **medonha**⁵ nos anos 40.

20 Ora veja, ilustre passageiro: a inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro se deu na data nacional da França, que comemora a queda da **Bastilha**⁶. O poeta **Olavo**

¹**êxodo**— emigração (movimento de saída) de um povo ou de um grande número de pessoas.

²**caótico**— desordenado, confuso.

³**Pereira Passos**— Prefeito do Rio de Janeiro no início do século XX. Pereira Passos modernizou a nossa cidade. Pela grande quantidade de obras realizadas, ficou conhecido como o Bota-Abaixo: demoliu cerca de 600 casas e abriu largas avenidas.

⁴**Hausmann**— Francês, o Barão Hausmann viveu de 1809 a 1891. Foi nomeado prefeito por Napoleão III, considerado o grande remodelador de Paris. Cuidou do planejamento daquela cidade, durante 17 anos. Paris se transformou radicalmente, pois o Barão demoliu as ruas sujas e estreitas de construção medieval e geometricamente abriu ruas e avenidas.

⁵**medonha**— aquilo que provoca extrema reação de medo, horror; excessivamente feio ou mau; profundamente desagradável, difícil de ser suportado.

⁶**Queda da Bastilha**— A Revolução Francesa marca o início da História Contemporânea Mundial. Teve como momento decisivo o dia 14 de julho de 1789, em Paris, com a queda da Bastilha — a prisão real que simbolizava o Absolutismo e o poder do rei. O movimento foi liderado pela classe burguesa, que questionava os privilégios do clero e da nobreza.



Bilac⁷ discursou em francês. Coincidência? Não. Vivíamos a **belle époque**⁸, e nossa obrigação era macaquear a moda e a linguagem que Paris ditava. Se éramos os outros, para que criar um imaginário próprio que nos servisse como **parâmetro**⁹ cultural? Se
25 éramos os outros, para que cultivar o que era nosso?

O que nos foi próprio, afinal? O que pensaram, por exemplo, as ruas? O que está **aderido**¹⁰ a elas? Quais foram as idéias recolhidas em fragmentos **dispersos**¹¹ das ruas e transformados em narrativa histórica, ainda que anônima? Sabe-se que uma história se faz com grandes **vultos**¹², com datas importantes. Mas uma história também pode ser
30 contada por seus **ritos**¹³ não evidentes e por seus ritmos, que são simples pulsação cotidiana de vida.

Toda essa história oficiosa, contada de beco em beco e de casa em casa (narrativa da tradição oral) e cantada de beco em beco e de casa em casa (a narrativa da tradição popular)... Essa também é a nossa história oficial. Foi a vibração, em letra e música, que
35 era mais que a pura imaginação fértil de um sambista, que era mais que o simples relato de uma **dor-de-cotovelo**¹⁴, que era mais que isso, era a própria história embolada de uma multidão de milhões, de dezenas de milhões de brasileiros que viveram e que continuam a viver hoje, dentro de cada um de nós, que nos formaram e formaram nossa memória comum, nosso passado comum, que **bolem**¹⁵ com o daqui de dentro, o de dentro do
40 dentro. É a eles que se **louva**¹⁶.

O que se passa à história? O que se conta “para inglês ver” ou o que se aferra à memória doce (às vezes, amarga) e **recôndita**¹⁷ do povo? Duas linhas – a do imaginário e a da mestiçagem – se cumprimentam, trocam **afagos**¹⁸, se entrecruzam, se dissolvem e se reincorporam.

Leonel Kaz (adaptação)

(KAZ, Leonel. *Brasil, rito e ritmo*. Rio de Janeiro: Aprazível Edições, 2003/2004)

⁷**Olavo Bilac** – jornalista e poeta, nasceu no Rio de Janeiro em 16/12/1865 e morreu em 28/12/1918. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Bilac foi, no seu tempo, um dos poetas brasileiros mais populares e lidos do país.

⁸**Belle époque** – fase de euforia e despreocupação vivida especialmente na Europa, entre 1871, final da guerra franco-prussiana, e 1914, ano do início da Primeira Guerra Mundial, caracterizada por grande produção artística, literária e bom desenvolvimento tecnológico.

⁹**parâmetro** – norma, padrão; conjunto de características, especificações.

¹⁰**aderir** – encontrar-se estreitamente ligado a; prender-se; fazer juntar uma coisa a outra.

¹¹**disperso** – espalhado, fora de ordem.

¹²**vulto** – pessoa importante, notável.

¹³**rito** – conjunto de práticas, preceitos, normas estabelecido socialmente; costume, hábito.

¹⁴**dor-de-cotovelo** – despeito provocado pelo ciúme ou pela decepção amorosa.

¹⁵**bulir** – mover(-se) ou agitar(-se) de leve; balançar; rebolar; mexer com, tocar.

¹⁶**louvar** – elogiar, enaltecer, aprovar, aplaudir.

¹⁷**recôndito** – escondido, retirado.

¹⁸**afago** – demonstração de carinho, carícia.



Texto 2

Todo mundo nasce ninguém, o que faz o homem é sua cultura. A maioria das pessoas se inventa muito pouco, se adapta à cultura, mas um compositor, um **Noel**¹, um **Chico**², eles são inventores. Quando um artista ganha essa coroação, ele não só se inventa como também ele inventa o país, ele inventa a vida da sociedade, da comunidade. Ele não é só herdeiro da tradição musical como pode também vir a dar nela um rumo inesperado.

Não existe o indivíduo desligado da comunidade da cultura. Ele cria, mas ele cria a partir do que é comum. Quando ele usa “bimbim, bombom”, que foi elaborado antes pela negra escrava, pelo povo em geral que foi adotando e foi passando, e ele vem e percebe um aspecto daquilo que não foi percebido até ali, ele pode transformar isso numa nova linha musical que vai se desdobrar e vai criar outros compositores. Então, o que se chama arte brasileira, cultura brasileira, é inventado todo dia, não existe uma forma futura à qual chegaremos um dia, chamada arte brasileira. Com a música brasileira é a mesma coisa. Antes de **Tom Jobim**³, havia uma música brasileira. Depois de Tom, a música brasileira é tudo o que era mais Tom Jobim. Eu me lembro que em meu **exílio**⁴ o Brasil era a música brasileira. O que me alimentou no exílio foi a música popular e **Villa-Lobos**⁵. Era o que me mantinha vivo, que me fazia sentir com o meu cordão umbilical ligado ao meu país, à minha gente, à minha cultura, muito mais do que a qualquer outra coisa.

Ferreira Gullar (adaptação)

(FERREIRA GULLAR. In: Kaz, Leonel. *Brasil, rito e ritmo*. Rio de Janeiro: Aprazível Edições, 2003/2004)

¹**Noel** – Noel Rosa foi cantor, compositor, bandolinista e viveu de 11/12/1910 a 04/05/1937, no Rio de Janeiro. Em apenas 8 anos de produção musical, compôs 259 músicas e teve mais de 50 parceiros. Alguns de seus sucessos: *Com que roupa, Pra que mentir, Palpite infeliz ...*

²**Chico** – Chico Buarque nasceu no Rio de Janeiro, em 19/06/1944. Cantor, compositor e escritor, participa de forma marcante do cenário artístico brasileiro nas últimas décadas. Compôs *A Rita, A banda, Mulheres de Atenas, Anos dourados ...*

³**Tom Jobim** – Pianista, compositor, cantor, arranjador, é um dos nomes da música brasileira da segunda metade do século XX. Compôs grande sucessos, como *Garota de Ipanema, Águas de março, Canções do amor demais....* Ao lado de Vinícius de Moraes, foi um dos criadores da Bossa Nova. Viveu de 25/01/1927 a 08/12/1994.

⁴**exílio** – saída da pátria de forma forçada.

⁵**Villa Lobos** – Nasceu em 05/03/1887 e morreu em 17/11/1959, no Rio de Janeiro. Incentivado pela família, desde criança interessou-se por música. Tornou-se um grande músico, preocupado em buscar a síntese da brasilidade.



Texto 3

Noite Carioca

- Noite da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro
tão gostosa
que os **estadistas**¹ europeus lamentam ter conhecido tão tarde.
Casais grudados nos portões de jasmineiros...
- 5 A baía de Guanabara, diferente das outras baías, é camarada,
recebe na sala de visita todos os navios do mundo
e não fecha a cara.
Tudo perde o equilíbrio nesta noite,
as estrelas não são mais constelações célebres,
- 10 são **lamparinas**² com ares **domingueiros**³,
as sonatas de **Beethoven**⁴ **realejadas**⁵ nos pianos dos bairros distintos
não são mais obras importantes do gênio imortal,
são valsas arrebatadas...
Perfume vira cheiro,
- 15 as mulatas de brutas **ancas**⁶ dançam o **maxixe**⁷ nos **criouléus**⁸ suarentos
- O Pão de Açúcar é um cão de fila todo especial
que nunca se lembra de latir pros inimigos que transpõem a barra
e às 10 horas apaga os olhos pra dormir.

Murilo Mendes

(In: MENDES, Murilo. *Poesias*. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1959)

¹**estadista** – pessoa que conhece os princípios ou a arte de governar; pessoa ativamente envolvida em conduzir os negócios de um governo ou moldar sua política; homem de Estado.

²**lamparina** – pequena lâmpada; pequena lâmpada que produz luz de pouca intensidade, composta de um reservatório para líquido combustível no qual se mergulha um pavio que acende na outra extremidade.

³**domingueiro** – relativo a domingo; que é alegre, festivo.

⁴**Beethoven** – músico alemão, nasceu em 1770. Compôs uma vasta obra e alcançou a glória ainda em vida. Morreu em 1827.

⁵**realejado** – relativo a realejo (instrumento mecânico movido a manivela); repetido como realejo.

⁶**anca** – região lateral do corpo humano desde a cintura até a articulação superior da coxa; quadril.

⁷**maxixe** – antiga dança e música popular, que fundiam o movimento da polca, o ritmo da dança afro-cubana e o sincopado da música afro-brasileira.

⁸**criouléu** – reunião, ou baile popular, freqüentada predominantemente por gente crioula.



Texto 4

O Rio Antigo era assim

Aqueles Arcos da Lapa com o bondinho passando em cima é o que pode haver de mais Rio antigo. É uma dupla fileira de **arcadas**¹ com 18 metros de altura e 270 de comprimento. Isto, bem entendido, hoje em dia, porque quando terminou a construção (1750) ainda não existia o metro (nem o metrô, diga-se de passagem), era tudo **jarda**² com 3 pés e pé com 12 polegadas, assim por diante.

Bondinho, é claro, também não existia – os Arcos serviam para trazer água para a cidade e nada mais; era o **Aqueduto**³, coisa romana. Aliás, o nosso Capitão-General foi acusado de copiar o Aqueduto na mesma ocasião feito em Lisboa, o das **Águas Livres**⁴, o que pode ser verdade. Menos verdade me parece a acusação, também feita na época, de que a construção daqui era cheia de falhas, com uma criminosa economia de óleo de baleia, e que qualquer dia poderia ruir. Os dois últimos séculos mostraram que a oposição nem sempre tem razão, tanto assim que já neste século um prefeito tirou um dos pilares para alargar a passagem da Rua do Riachuelo e não caiu nada.

Quando puseram o bondinho passando lá por cima em 1896, também muita gente reclamou, era um absurdo pôr um carro elétrico em cima dos arcos coloniais. Pois, meus filhos, o tempo passou e não digo que os bondinhos viraram coloniais, mas a verdade é que hoje são uma coisa antiga, a gente se acostumou, até que eles dão mais graça a um passeio em Santa Teresa.

Mas tornemos os olhos para a esquerda e lá veremos o outeiro da Glória com sua igreja branca; toda uma graça. Para começar, confessarei que o outeiro da Glória é na verdade o único outeiro que já conheci na minha vida — o resto é monte, é morro, não é outeiro.

Foi ali, naquele outeiro sobre o mar, que os portugueses comandados pelo capitão-mor Estácio de Sá, em 20 de janeiro de 1567, dia do mártir S. Sebastião, derrotaram os franceses, ficando Estácio ferido de flecha, do que veio a morrer um mês depois.

A igreja hoje nos aparece como nas gravuras mais antigas, **bioctogonal**⁵, de cor branca e de pedra, tão graciosa e durinha nos seus ângulos, com aquelas palmeiras lá atrás, a brisa sempre a soprar.

¹**arcada** – seqüência de arcos.

²**jarda** – unidade de comprimento inglesa, que equivale a 91,4 cm.

³**aqueduto** – canal para conduzir água.

⁴**Águas Livres** – Aqueduto no século XVIII, com extensão de 18,6 quilômetros, construído para distribuir por Lisboa, em Portugal, a água vinda da Nascente das Águas Livres.

⁵**bioctogonal** – que tem dois octógonos (formados por oito ângulos e oito lados). Característica arquitetônica exclusiva, no Rio de Janeiro, do outeiro da Glória.



Nos anos 80 uma bela restauração feita foi a do Paço Imperial, hoje na praça Quinze de Novembro. A gente andando por lá se sente um pouco Vice-Rei e mesmo Rei, até **balbucia**⁶ “diga ao povo que fico”, vê a Princesa assinando a Abolição, o Imperador **banido**⁷ pela madrugada. E ali perto o Chafariz da Pirâmide, inaugurado em 1779 no Largo do Paço, obra de Mestre Valentim, filho de nobre português e negra escrava, mestre de verdade nas artes de desenhos, pinturas, pedras e madeiras e metais, autor da Cascata dos Jacarés e do Chafariz das Marrecas e daquele das Saracuras que veio parar em Ipanema, Praça General Osório. Esse mulato mistura formas **manuelinas**⁸ e **barrocas**⁹ e **gnaisse**¹⁰ dos arredores do Rio com pedra de **lioz**¹¹ dos arredores de Lisboa. Há também esculturas suas em várias igrejas, e inclusive no Jardim Botânico — onde aliás é tão belamente Rio antigo como aquelas palmeiras plantadas em 1842 com as mudas obtidas da Palma Mater plantada em 1809 pelo Príncipe Regente d. João VI e que viveu até 1972, quando foi fulminada por um raio. Tenho em minha casa um pedaço de seu **estipe**¹².

Pensando bem, apesar de tudo que se botou abaixo (alguma coisa, afinal, é sempre preciso botar abaixo, senão a gente ainda estaria vivendo naqueles becos fedorentos), o Rio ainda tem muita coisa antiga que vale a pena visitar devagar, desde a Mata da Tijuca até as velhas igrejas do Centro, desde o **mourisco**¹³ bonitão do Instituto de Manguinhos até as finas torres **neogóticas**¹⁴ da **verdolenga**¹⁵ Ilha Fiscal e até a Confeitaria Colombo na Rua Gonçalves Dias, onde a gente ainda pode tomar chá com Olavo Bilac, e ouvir o Emílio de Menezes dizer, ao lhe contarem que o Guimarães Passos publicara seu *Tratado de versificação*:

— Coitado do Guimarães! Há muito tempo ele tem tratado de ver se fica são! – trocadilho tão perfeito que o poeta **tísico**¹⁶ morreu.
O Rio antigo era assim.

Rubem Braga (adaptação)

(BRAGA, Rubem. *As coisas boas da vida*. Rio de Janeiro: Record, 1991. 4 ed.)

⁶**balbuciar** – falar de modo incerto ou hesitante; murmurar.

⁷**banido** – expulso da pátria.

⁸**manuelino** – arte, arquitetura e estilo decorativo desenvolvidos em Portugal, no final do século XV e princípio do século XVI, que associam ao gótico tradicional os elementos ornamentais de inspiração românica, mourisca e oriental.

⁹**barroco** – estilo na pintura, escultura, arquitetura com elementos da alta Renascença e do Maneirismo, e ligado à estética da Contra-Reforma, cujas características básicas são o dinamismo do movimento com o triunfo da linha curva e a busca da captação das emoções humanas.

¹⁰**gnaisse** – rocha cristalina, constituída por mica, quartzo e outros minerais.

¹¹**lioz** – pedra calcárea branca e dura, usada em estatuária e obras de arquitetura.

¹²**estipe** – caule longo, não ramificado, característico das palmeiras.

¹³**mourisco** – construção no estilo dos mouros.

¹⁴**neogótico** – movimento artístico que tenta reviver as formas do gótico (estilo artístico que predominou na Europa, ao final da Idade Média).

¹⁵**verdolengo** – de coloração esverdeada.

¹⁶**tísico** – tuberculoso.



Questão 1 : Reescreva a sentença substituindo a palavra em negrito por um sinônimo adequado, de forma que o sentido original seja preservado.

- a) “Quando um artista ganha essa **coroação**, ele não só se inventa como também ele inventa o país(...)” (texto 2, linha 3)

- b) “Vivíamos a belle époque, e nossa obrigação era **macaquear** a moda e a linguagem que Paris ditava.” (texto 1 – linhas 22 e 23)

Questão 2 : No **texto 1**, algumas vezes é utilizado o recurso de aspas. Explique o efeito causado com o emprego desses sinais gráficos na passagem que segue:

Muito dessa tradição perdurou com a urbanização crescente que a república trouxe e com a tão “**bondosa**” libertação dos escravos(...). (linhas 9 e 10)

Questão 3 : Leia a seguinte passagem do **texto 3** (versos 5 a 7) :

A baía de Guanabara, diferente das outras baías, é camarada,
recebe na sala de visitas todos os navios do mundo
e não fecha a cara.

Transcreva do **texto 1** um fragmento sobre um episódio da História do Brasil que ilustra a afirmativa acima.



Questão 4 : Os **textos 1 e 4** apresentam a mesma interpretação sobre as mudanças ocorridas na cidade do Rio de Janeiro ? Por quê?

Questão 5 : No **texto 1**, o autor estabelece uma diferença entre a história oficial e a oficiosa. Explique esta diferença com suas palavras, sem utilizar exemplos do texto.

Questão 6 : Explique a oposição de sentido expressa pelo uso dos pronomes “nós” e “outros”, na seguinte frase do **texto 1** (linha 8):

O Brasil foi atravessado pelo império como se nós não fôssemos nós, mas os outros.



Questão 7 : Leia os fragmentos e, a seguir, responda com suas palavras a questão proposta:

“Mas uma história também pode ser contada por seus ritos não evidentes e por seus ritmos, que são simples pulsação cotidiana de vida.

Toda essa história oficiosa, contada de beco em beco e de casa em casa (a narrativa da tradição oral) e cantada de beco em beco e de casa em casa (a narrativa da canção popular)... Essa também é a nossa história oficial.”(texto 1, linhas 29 a 34)

“Então o que se chama arte brasileira, cultura brasileira, é inventado todo dia, não existe uma forma futura à qual chegaremos um dia, chamada arte brasileira.” (texto 2, linhas 10 a 12)

Qual é o aspecto em comum nos **textos 1 e 2** sobre a *História* e a *arte brasileira*, respectivamente?

Questão 8 : Leia os trechos abaixo e responda a seguir:

“Tudo perde o equilíbrio nesta noite,
(...)

Perfume vira cheiro,

As mulatas de brutas ancas dançam o maxixe nos criouléus.” (texto 3, versos 8, 14 e 15)

“O que nos foi próprio afinal? O que pensaram, por exemplo, as ruas? O que está aderido a elas? Quais foram as idéias recolhidas em fragmentos dispersos das ruas e transformados em narrativa histórica, ainda que anônima? (...) Mas uma história também pode ser contada por seus ritos não evidentes e por seus ritmos, que são simples pulsação cotidiana de vida.” (texto 1, linhas 26 a 31)

A “rua” é um elemento fundamental em nossa história não oficial. De que forma esta visão se apresenta no poema (**texto 3**)?



Questão 9 : A partir da leitura do trecho abaixo, explique com suas palavras que relação se estabelece entre identidade e cultura no **texto 2**.

O que me alimentou no exílio foi a música popular e Villa-Lobos.(texto 2, linha 15)
